ALÉM DISSO

Pesquisa em desenvolvimento na Universidade Federal de Viçosa (UFV) busca uma solução química para impedir que a fêmea do **Aedes** se reproduza, o que acontece uma única vez na vida dela. Porém, segundo o biólogo Gustavo Ferreira Martins, depois da cópula com o macho, os espermatozóides ficam armazenados em uma estrutura (a espermateca) por vários dias. Nesse período, a fêmea coloca os ovos em vários momentos. "Estamos mapeando genes expressos na espermateca para entender o que a fêmea precisa para manter o espermatozóide vivo por tanto tempo", explica.

Já na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), um projeto pretende entender, a partir de amostras de sangue de pessoas com dengue, quais os genótipos de vírus em circulação numa determinada região. O professor André Luiz da Silva Domingues explica que pequenas alterações nos genomas dos vírus podem ser determinantes para a enfermidade se manifestar com maior gravidade ou não.

O estudo ainda não saiu do papel porque precisa de recursos financeiros. Submetido ao edital da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), o projeto não foi aprovado. Agora, o professor aguarda uma resposta por parte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A Fapemig informou que, nos últimos cinco anos, fomentou 32 pesquisas relacionadas à dengue e ao vetor da doença. Procurado pela reportagem, o CNPq não retornou até o fechamento desta edição.

"Se não entender o mosquito, como vamos combatê-lo? Toda tecnologia usada no combate hoje advém de pesquisas realizadas anos antes"

GUSTAVO FERREIRA, PESQUISADOR DA UFV